

# UMA CANÇÃO DE EMBALAR

MARY HIGGINS CLARK

# UMA CANÇÃO DE EMBALAR

Tradução de  
ANA CUNHA RIBEIRO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

## AGRADECIMENTOS

Finalmente, chega a hora de meter *Uma Canção de Embalar* no pequeno embrulho. É como se tivessem decorrido nove meses infindáveis desde que enviei o primeiro capítulo ao meu eterno editor, Michael Korda, com uma folha de capa em que rabisquei «aqui vamos nós mais uma vez».

Como sempre, a jornada tem momentos calmos. Noutros dias, fito o computador e pergunto-me: «O que te fez pensar que podes escrever outro livro?»

Porém, quer as palavras fluam ou surjam lentamente, a verdade é que adoro esta viagem e está na hora de agradecer às pessoas que me ajudaram a empreendê-la.

Michael Korda sugeriu o ADN do enredo desta história. No princípio, tive as minhas dúvidas, mas, como é habitual, fui atraída pela sua sugestão como uma abelha pelo mel. Mais uma vez e sempre, obrigada, Michael. Meu querido amigo, com a aproximação do quadragésimo aniversário desde que trabalhamos juntos, só posso dizer que é e tem sido maravilhoso.

Há quase três anos solicitei que Kathy Sagan se tornasse a minha editora interna. Tínhamos trabalhado juntas na *Mary Higgins Clark Mystery Magazine* e sabia que ela é especial e que consegue equilibrar mil e um pormenores na cabeça enquanto vai recebendo o livro, capítulo a capítulo. Obrigada, Kathy.

Atear um fogo é fácil, mas, quando se escreve sobre o assunto, tem de se saber quem conduzirá a investigação. Agradeço esta informação e acompanhamento ao *fire marshal* Randy Wilson e ao *fire marshal*

aposentado Richard Ruggiero. Se cometi erros foi porque percebi mal o que me disseram ou porque estou a precisar de me retirar. Mas muito obrigada pela simpatia e paciência com que responderam às minhas perguntas.

O advogado Anthony Orlando, um aficionado da pesca do atum, foi o especialista que me ajudou a perceber uma maneira interessante de ter um acidente de barco no Atlântico. Muito obrigada, Anthony.

As pessoas que se encontram nos bastidores e quem faz o trabalho de edição são cruciais no processo de transformar um manuscrito num livro. Os meus agradecimentos a Gypsy da Silva e à diretora artística Jackie Seow, pelas suas capas sempre intrigantes.

Os revisores que me acompanham na caminhada estão sempre presentes e mantêm-me ligada à terra. Obrigada a Nadine Petry, a Agnes Newton e a Irene Clark. Quando me dizem que mal podem esperar pelo próximo capítulo e me perguntam quando o vão receber, são sempre boas notícias.

E Ele, claro, John Conheaney, marido extraordinário, que permanece ao meu lado enquanto passo horas a fio a escrever ao computador quando o prazo se aproxima. Nem toda a gente tem a oportunidade de encontrar uma segunda alma gémea e sinto-me grata por me contar entre esse grupo minoritário.

E, agora, uma reflexão sobre a sugestão de Michael para o próximo livro. Depois de me ter sugerido o enredo em traços gerais, disse-me: «Acho que *I'll Be Seeing You* é um bom título.» Respondi-lhe: «Penso que já usei esse título, Michael.» Tivemos de ir pesquisar. E sim, já o utilizara. Por isso, o livro não terá esse título, mas adorei a sugestão para o enredo.

Mas, antes de começar, vou seguir uma vez mais o conselho do antigo pergaminho: «O livro está terminado. Que o autor se regozije.»

E acreditem, é o que faço!

Cumprimentos e bênçãos

Mary

*Para John*  
*E para os nossos filhos e netos Clark e Conbeeney*  
*Com amor*

## PRÓLOGO

Por vezes, Kate sonhava com aquela noite, embora não tivesse sido um sonho. Acontecera realmente. Tinha três anos e estava aninhada na cama a ver a mãe vestir-se. A mãe parecia uma princesa. Tinha um vestido de noite vermelho, lindíssimo, e os sapatos vermelhos de cetim de salto alto que Kate adorava calçar. O pai entrou no quarto, pegou em Kate e foi com ela e com a mãe a dançar para a varanda, apesar de ter começado a nevar.

Pedi-lhe que cantasse a minha canção e ele cantou, recordou Kate.

*Adeus, minha bebé, minha graça,  
O papá foi à caça,  
Para uma nuvem rosa apanhar  
E a bebé embrulhar.*

Na noite seguinte, a mãe morreu no acidente e o pai nunca mais lhe cantou aquela canção.

## CAPÍTULO 1

### Quinta-feira, 14 de novembro

Eram quatro da manhã e Gus Schmidt vestia-se em silêncio no quarto da sua modesta casa em Long Island para não incomodar aquela que era sua mulher há cinquenta e cinco anos. Não foi bem-sucedido.

A mão de Lottie Schmidt deslizou à procura do candeeiro que se encontrava em cima da mesa de cabeceira. Pestanejou para ver melhor, sentia os olhos pesados por causa do sono, reparou que Gus vestira um casaco quente e quis saber onde ia.

— Vou só à fábrica, Lottie. Aconteceu uma coisa.

— Foi por isso que Kate te telefonou ontem?

Kate era filha de Douglas Connelly, o dono da Connelly Fine Antique Reproductions, a fábrica de móveis situada perto de Long Island City, onde Gus trabalhara até se ter reformado há cinco anos.

Lottie, a elegante senhora de setenta e cinco anos e cabelo branco, pôs os óculos e olhou para o relógio.

— Estás doido, Gus? Sabes que horas são?

— São quatro horas e Kate pediu-me para me encontrar com ela às quatro e meia. Deve ter os seus motivos e é por isso que vou.

Lottie percebeu que ele estava aborrecido e que não lhe devia fazer a pergunta que se encontrava na cabeça dos dois.

— Gus, tive um mau pressentimento. Sei que não queres que fale assim, mas sinto que alguma coisa má vai acontecer. Não quero que vás.

O casal entreolhou-se à fraca luz da lâmpada de sessenta watts do candeeiro de mesa. Quando falou, lá no fundo, Gus sabia que estava com medo. A pretensão de Lottie de que era vidente irritava-o e assustava-o.

— Lottie, volta a dormir — disse, zangado. — Seja qual for o problema, volto a tempo do pequeno-almoço.

Gus não era um homem dado a grandes manifestações de afeto, mas o instinto fê-lo aproximar-se da cama, inclinar-se, beijar a mulher na testa e passar-lhe a mão pelo cabelo.

— Não te preocupes — disse-lhe, convictamente.  
Foram as últimas palavras que o ouviu pronunciar.



## CAPÍTULO 2

Kate Connelly esperava ser capaz de ocultar a ansiedade inquietante que sentia pelo encontro com Gus, de madrugada, no museu do complexo industrial de móveis. Jantou com o pai e a sua mais recente namorada no Zone, o café da moda, no Lower East Side, em Manhattan. Enquanto tomavam uma bebida, manteve a conversa de circunstância do costume, que lhe saía facilmente quando conversava com a «namorada do momento» do pai.

Sandra Starling, uma platinada beldade loura, com pouco mais de vinte anos e uns grandes olhos cor de avelã, explicou-lhe seriamente que fora dama de honor num concurso de Miss Universo, mas foi bastante vaga a respeito da distância a que ficara de receber a coroa. A sua ambição, confidenciou, era fazer carreira no cinema e dedicar-se à paz mundial.

Esta ainda é mais burra do que as outras, pensou Kate, com sarcasmo. Doug, como fora instruída a tratar o pai, esteve jovial e charmoso como sempre, embora parecesse que estava a beber mais do que era costume.

Durante o jantar, Kate apercebeu-se de que estava a avaliar o pai como se fosse uma jurada de um concurso de talentos na televisão. É um homem atraente, a aproximar-se dos sessenta anos, pensou, sócia do lendário ator Gregory Peck. Lembrou-se de que a maior parte das pessoas da sua idade não conseguiria perceber aquela comparação. A não ser que fossem apreciadores de clássicos do cinema, como eu, pensou.

Estaria a cometer um erro ao envolver Gus naquele assunto?, questionou-se.

— Kate, estava a dizer a Sandra que és o cérebro da família — disse o pai.

— Eu não me vejo assim — replicou Kate, com um sorriso forçado.

— Não sejas modesta — admoestou-a Doug Connelly. — Kate é contabilista diplomada, Sandra. Trabalha na Wayne & Cruthers, uma das maiores firmas de contabilidade do país. — Riu-se. — O único problema é que está sempre a dizer-me como devo gerir o negócio da família. — Fez uma pausa. — O meu negócio — acrescentou. — Esquece-se dessa parte.

— Pai, quero dizer, Doug — disse Kate, calmamente, apesar de sentir uma raiva crescente. — Sandra não tem de estar a ouvir isto.

— Olha para a minha filha, Sandra. Trinta anos, loura, alta, linda. Saiu à mãe. A irmã, Hannah, é parecida comigo. Tem o meu cabelo escuro e os olhos azuis, mas, ao contrário de mim, veio numa embalagem pequena. Não deve ter mais de um metro e cinquenta e oito. Não é verdade, Kate?

O meu pai esteve a beber antes de vir para aqui, pensou Kate. Consegue ser terrível quando está tocado. Tentou desviar o assunto do negócio da família.

— A minha irmã trabalha na indústria da moda, Sandra — explicou. — É três anos mais nova do que eu. Quando éramos miúdas, ela passava o tempo a fazer vestidos para as bonecas e eu fingia que ganhava dinheiro a responder às perguntas do *Jeopardy!* e da *Roda da Sorte*.

Oh, meu Deus, o que faço se Gus estiver de acordo comigo?, interrogou-se quando o empregado de mesa lhes trouxe os pratos principais.

Felizmente, a banda, que estivera a fazer uma pausa, voltou a entrar na sala de jantar apinhada e o elevado volume da música manteve a conversa no mínimo.

Kate e Sandra não quiseram sobremesa, mas, para sua tristeza, Kate ouviu o pai pedir uma garrafa do champanhe mais caro que constava da ementa.

Começou a protestar.

— Pai, nós não precisamos...

— Kate, poupa-me a tua sovinice.

A voz de Doug Connelly elevou-se tanto que chamou a atenção das pessoas que se encontravam sentadas na mesa ao lado.

Com as faces a arder, Kate disse, calmamente:

— Pai, vou tomar um copo com uma pessoa. Vou deixar-vos a saborear o champanhe.

Sandra perscrutava a sala à procura de celebridades, e fez um grande sorriso a um homem que erguia o copo na sua direção.

— É Majestic. O álbum dele está a subir vertiginosamente nas tabelas de vendas — afirmou, ofegante. E numa reação tardia, murmurou: — Prazer em conhecê-la, Kate. Se me tornar importante, talvez possa vir a gerir o meu dinheiro.

Doug Connelly riu-se.

— Que grande ideia. Talvez nessa altura me deixe em paz. — Mas acrescentou apressadamente: — Estou a brincar. Tenho orgulho no meu geniozinho.

Se imaginasses o que o geniozinho anda a tramar, pensou Kate.

Dividida entre a raiva e a preocupação, pegou no casaco, que estava no bengaleiro, saiu para a noite fria e ventosa de novembro e fez sinal a um táxi que passava.

O seu apartamento ficava no Upper West Side e comprara-o no ano anterior. Era um T2 espaçoso com uma vista panorâmica sobre o rio Hudson. Adorava a casa, mas também sentia pena por o anterior proprietário, Justin Kramer, um gestor de fortunas, com pouco mais de trinta anos, ter sido forçado a vendê-lo por uma bagatela quando perdeu o emprego. Quando fecharam o negócio, Justin sorria com desportivismo e oferecera-lhe um vaso com uma bromélia, idêntica à que admirara quando visitara o apartamento pela primeira vez.

— Robby disse-me que gostou da minha planta — comentara, apontando para o agente imobiliário que se encontrava sentado ao lado. — Levei-a comigo, mas esta é o seu presente de boas-vindas

à casa. Ponha-a no mesmo sítio, em cima da janela da cozinha, e crescerá como uma erva daninha.

Kate estava a pensar naquela oferta simpática, o que acontecia com frequência, quando entrou no apartamento e acendeu a luz. Todo o mobiliário da sala era moderno. O sofá bege-dourado tinha uns almofadões enormes e convidava a uma sesta. As cadeiras que faziam conjunto com ele, forradas com o mesmo material, foram concebidas tendo em vista o conforto, com braços amplos e grandes encostos de cabeça. Almofadas com os tons do padrão geométrico do tapete pontilhavam a decoração com alegria.

Lembrou-se de como Hannah se rira quando viera inspecionar o apartamento depois de a mobília nova ter sido entregue.

— Meu Deus, Kate — dissera-lhe. — Cresceste a ouvir o pai explicar que todos os móveis da nossa casa eram reproduções excelentes da Connelly e tu perdeste a cabeça e seguiste precisamente a direção oposta.

Eu concordei, pensou Kate. Estava farta da conversa fiada do pai sobre reproduções excelentes. Talvez um dia mude de ideias, mas, entretanto, estou feliz.

Reproduções perfeitas. Só de pensar naquelas palavras, ficava com a boca seca.

### CAPÍTULO 3

Mark Sloane sabia que o jantar de despedida com a mãe podia ser difícil e cheio de lágrimas. Aproximava-se o vigésimo oitavo aniversário do desaparecimento da irmã e ia mudar-se para Nova Iorque, para um novo emprego. Desde que concluíra o curso de Direito, há treze anos, exercia direito imobiliário empresarial em Chicago. Estava a cerca de cento e quarenta quilómetros de Kewanee, a pequena cidade do Illinois onde fora criado.

Nos anos que vivera em Chicago, fazia frequentemente aquela viagem de duas horas para visitar a mãe. Tinha oito anos quando a irmã Tracey, de vinte, desistira da faculdade local e se mudara para Nova Iorque para tentar a sorte nas comédias musicais. Passados aqueles anos, continuava a recordá-la como se estivesse à sua frente. Tinha um cabelo arruivado que lhe caía em cascata sobre os ombros e uns olhos azuis, habitualmente iluminados pela boa disposição, mas que, quando ela se zangava, podiam tornar-se tempestuosos. A mãe e Tracey sempre tinham discordado por causa dos seus resultados académicos e da forma como se vestia. Até que um dia ele desceu para tomar o pequeno-almoço e encontrou a mãe sentada à mesa da cozinha a chorar.

— Foi-se embora, Mark, foi-se embora. Deixou um bilhete. Foi para Nova Iorque para ser uma cantora famosa. É tão nova, Mark. Tão teimosa. Vai meter-se em sarilhos. Tenho a certeza.

Mark lembrava-se de ter colocado os bracitos de criança à volta da mãe e tentado conter as lágrimas. Adorava Tracey. Ela lançava-lhe bolas quando ele começara a jogar na Little League. Levava-o

ao cinema. Ajudava-o com os trabalhos de casa e contava-lhe histórias de atores e atrizes famosos. Sabes quantos atores conhecidos vieram de cidades pequenas como esta?, perguntava-lhe.

Naquela manhã, ele advertira a mãe.

— Mamã, Tracey diz na carta que lhe envia a morada. Não a tente convencer a voltar porque não o vai fazer. Escreva-lhe e diga-lhe que a compreende e que vai ficar orgulhosa quando for uma grande estrela.

Fora a jogada certa. Tracey escrevia com regularidade e telefonava frequentemente. Arranjara emprego num restaurante. «Sou uma boa empregada e as gorjetas são excelentes. Estou a ter aulas de canto. Particpei num musical fora da Broadway. O espetáculo teve apenas quatro exposições, mas foi ótimo estar em cima do palco.» Veio de avião a casa três vezes para passar um fim de semana prolongado.

Um dia, quando a irmã já vivia em Nova Iorque há dois anos, a mãe recebeu um telefonema da polícia. Tracey desaparecera.

Depois de não ter aparecido no trabalho dois dias e de não atender o telefone, o patrão e dono do restaurante, Tom King, preocupado, fora ao seu apartamento. Estava tudo em ordem. Tinha uma audição marcada na agenda para o dia seguinte ao seu desaparecimento e outra agendada para o final da semana.

— Não compareceu à primeira — disse King à polícia. — Se não aparecer para a segunda, alguma coisa se passou.

A polícia de Nova Iorque incluía Tracey na lista de pessoas desaparecidas durante aqueles anos. Como se fosse «apenas mais uma pessoa desaparecida», pensou Mark, enquanto se dirigia para a casa tradicional de Cape Cod, onde fora criado. Com as telhas pretas, os acabamentos brancos e a porta vermelha, era uma visão agradável e acolhedora. Entrou no caminho de acesso e estacionou o carro. O candeeiro pendurado projetava luz nos degraus da frente. Sabia que a mãe o deixaria aceso durante a noite, como fizera ao longo dos últimos vinte e sete anos, para o caso de Tracey voltar para casa.

Carne assada, puré de batata e espargos foi o que respondera à mãe quando lhe perguntou o que queria comer no jantar de despedida. Mal abriu a porta, o aroma acolhedor da carne a assar disse-lhe que, como era costume, fizera precisamente o que ele queria.

Martha Sloane saiu apressada da cozinha a limpar as mãos ao avental. Aos setenta e quatro anos, a sua figura, outrora esguia, dera lugar a um volumoso tamanho quarenta e quatro, e o cabelo branco, naturalmente ondulado, emoldurava-lhe o rosto. Lançou os braços à volta do filho e abraçou-o.

— Cresceste mais meio palmo.

— Deus me livre — replicou Mark, com convicção. — Já é tão difícil entrar e sair dos táxis.

Mark tinha dois metros e um centímetro. Olhou de relance para a mesa da sala de jantar e reparou que estava posta com as pratas e o serviço de porcelana.

— Ei, isto é mesmo uma festa de despedida.

— Ora, essas coisas quase não têm uso — disse a mãe. — Prepara uma bebida para ti. Pensando bem, prepara uma para mim também.

A mãe raramente bebia alguma coisa. Com uma pontada de dor, Mark apercebeu-se de que ela estava decidida a não deixar que a proximidade do aniversário do desaparecimento de Tracey toldasse o último jantar que iam ter, pelo menos nos próximos meses. Martha Sloane fora estenógrafa do tribunal e sabia que o filho ia provavelmente trabalhar durante muitas horas no seu novo e desafiante emprego.

Só falou de Tracey quando estavam a tomar café.

— Ambos sabemos que a data está a aproximar-se — disse ela, calmamente. — Mark, estou sempre a ver aquele programa *Cold Case Files* que dá na televisão — acrescentou, em voz baixa. — Quando chegares a Nova Iorque, achas que consegues convencer a polícia a reabrir a investigação do desaparecimento de Tracey? Hoje, têm mais meios para descobrir o que aconteceu às pessoas que desapareceram, ainda que há muitos anos. Mas é mais provável que o façam se for uma pessoa como tu a começar a fazer perguntas. — Hesitou, mas prosseguiu: — Mark, sei que tive de afastar a ilusão de que Tracey perdeu a memória ou esteve em apuros e teve de se esconder. No meu íntimo, acredito que está morta. Mas, se ao menos conseguisse recuperar o seu corpo e enterrá-lo junto do pai, dar-me-ia

uma paz enorme. Convenhamos. Com sorte, poderei ter mais oito ou dez anos de vida. Quando chegar a minha hora, gostava de saber que Tracey está ali com o pai. — Pestanejou para evitar chorar. — Sabes bem que sempre me emocionei com a canção «Danny Boy». Quero poder ajoelhar-me e rezar junto da sepultura de Tracey.

Quando se levantaram da mesa, ela disse, apressadamente:

— Adorava jogar um bocadinho de *Scrabble*. Descobri umas palavras arrevesadas no dicionário. Mas o teu voo é amanhã à tarde e, se bem te conheço, ainda nem sequer começaste a fazer a mala.

— A mãe conhece-me demasiado bem — respondeu Mark, com um sorriso. — E não a quero ouvir dizer que tem mais oito ou dez anos de vida. A Willard Scott há de enviar-lhe um postal pelo seu centenário. — À porta, abraçou a mãe com força e arriscou perguntar-lhe: — Quando trancar a porta, apaga a luz do alpendre?

Ela abanou a cabeça.

— Não, acho que não. Nunca se sabe, Mark, nunca se sabe..

Ela não concluiu a frase. Ficou a flutuar no ar. Mas Mark sabia o que ela queria dizer. Nunca se sabe se Tracey volta para casa esta noite.



## CAPÍTULO 4

Na sua última visita ao complexo da família, Kate ficara chocada ao descobrir que as câmaras de videovigilância continuavam a não funcionar.

— Kate, o seu pai não aprovou um novo sistema — disse-lhe Jack Worth, o gerente da fábrica. — O problema é que tudo à volta precisa de ser atualizado. E a verdade é que já não há artesãos como os que trabalhavam aqui há vinte anos. Os que ainda se encontram cobram quantias proibitivas e os nossos funcionários novos são muito diferentes. Não percebo porque o seu pai é tão teimoso e não vende isto a um empreiteiro. O terreno vale pelo menos uns vinte milhões de dólares. — E acrescentara, pesaroso: — É claro que, se o fizer, perco o emprego e, com tantos negócios a fecharem, não há grande procura de gerentes de fábrica.

Jack tinha cinquenta e seis anos e a constituição robusta do lutador que fora aos vinte. A farta cabeleira de um louro-avermelhado estava manchada de cinzento. Kate sabia que ele era o escrupuloso diretor-geral da fábrica, da sala de exposições e do museu privado de três pisos, que se encontrava mobilado com antiguidades impressionantes e valiosas. Começara a trabalhar para a firma há mais de trinta anos como auxiliar de contabilista e assumira funções de direção há cinco.

Kate vestira um fato de treino, programara o alarme para as três e meia da manhã e acomodara-se no sofá. Não pensou que o fosse conseguir, mas adormeceu. Mas o sono foi povoado por sonhos, muitos dos quais não se lembrava, que a deixaram perturbada. Apenas

se recordava de um fragmento, o mesmo que se repetia de vez em quando: uma criança aterrorizada, com uma camisa de dormir florida, corria ao longo de um corredor comprido a fugir de umas mãos que tentavam agarrá-la.

Só me faltava este pesadelo, pensou, quando desligou o alarme e se sentou. Daí a dez minutos estava no estacionamento do prédio, encolhida dentro do casaco de penas e com um lenço na cabeça, a entrar no *Mini Cooper Sedan* com sistema de economia de combustível.

Mesmo àquela hora da madrugada havia bastante trânsito em Manhattan, mas estava a andar depressa. Kate dirigiu-se para este, atravessou Central Park pela Sixty-fifth Street e, ao fim de alguns minutos, subia a rampa para a ponte Queensboro. Levou apenas mais dez minutos para chegar ao destino. Eram quatro horas e um quarto e sabia que Gus chegaria a qualquer momento. Estacionou o carro atrás do contentor do lixo, nas traseiras do museu, e esperou.

O vento ainda era forte e o carro arrefeceu rapidamente. Estava prestes a ligar novamente a ignição quando uns faróis fracos contornaram a curva e a *pick-up* de Gus parou perto dela.

Em dois movimentos simultâneos saíram do carro e correram para a porta de serviço do museu. Kate tinha uma lanterna e as chaves na mão. Rodou a chave na fechadura e empurrou a porta. Com um suspiro de alívio, disse:

— Ainda bem que pôde vir a esta hora, Gus. — Já no interior do edifício, apontou o feixe de luz emitido pela lanterna para o painel de segurança. — Acredita que até o sistema de segurança interno está avariado?

Gus envergava um gorro de lã que lhe tapava as orelhas. Algumas pontas do cabelo esparso saíam-lhe do gorro e cobriam-lhe a testa.

— Eu sabia que tinha de ser alguma coisa importante para querer encontrar-se comigo a esta hora. O que se passa, Kate?

— Só peço a Deus para estar enganada, Gus, mas tenho de lhe mostrar uma coisa na suíte Fontainebleau. Preciso dos seus conhecimentos. — Meteu a mão no bolso, tirou outra lanterna e entregou-lha. — Mantenha-a apontada para o chão.

Dirigiram-se para a escadaria das traseiras, em silêncio. Enquanto fazia a mão deslizar pelo corrimão de madeira, pensou nas histórias que ouvira contar sobre o avô, que chegara aos Estados Unidos como imigrante sem um péni, mas com formação, e que acabara por fazer fortuna na Bolsa. Aos cinquenta anos, vendera a firma de investimentos e concretizara o sonho da sua vida de criar reproduções perfeitas de mobiliário antigo. Comprara aquela propriedade em Long Island City e construía um complexo, que incluía uma fábrica, um salão de exposições e um museu onde exibia as antiguidades que colecionara ao longo dos anos e que iria copiar.

Aos cinquenta e cinco anos decidira que queria um herdeiro e casara com a minha avó, que era vinte anos mais nova do que ele. E nasceram o meu pai e o irmão.

O meu pai tomara conta do negócio apenas um ano antes do acidente, pensou Kate. A partir daí, Russ Link geriu-o até se ter reformado há cinco anos.

A Connelly Fine Antique Reproductions florescera ao longo de sessenta anos, mas, como Kate não se cansava de lembrar ao pai, o mercado de reproduções dispendiosas estava em recessão. Não tivera a coragem de lhe fazer notar que o consumo excessivo de álcool, a negligência do negócio e a sua permanência errática no escritório eram outros fatores para vender o negócio. Tenho de ser franca, pensou. Depois da morte do meu avô, Russ geria tudo.

Na parte inferior das escadas, Kate começou a falar.

— Gus, o que lhe quero mostrar é a escrivainha. — De súbito, deteve-se, agarrou-lhe no braço e disse: — Meu Deus, Gus, este sítio tresanda a gás.

Procurando alcançar a mão dele, virou-se e dirigiu-se para a porta. Tinham dado apenas alguns passos quando uma explosão fez desabar a escada.

Mais tarde, Kate lembrava-se vagamente de procurar limpar o sangue que lhe escorria pela testa e de tentar puxar o corpo inerte de Gus enquanto se arrastava até à porta. As chamas lambiam as paredes e o fumo cegava-a e sufocava-a. A porta abriu-se e as rajadas de vento tomaram o corredor de assalto. Um puro instinto selvagem de sobrevivência fê-la agarrar Gus pelos pulsos e arrastá-lo ao longo

de alguns metros para o exterior até ao parque de estacionamento. A seguir, desmaiou.

Quando os bombeiros chegaram, encontraram Kate inconsciente, a sangrar abundantemente de uma ferida que tinha na cabeça e com a roupa ensanguentada.

Gus estava morto.